



12º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

RELAÇÃO ENTRE O CONCEITO DE NARCISISMO E O FIGURINO CLOWNESCO A PARTIR DO ESTADO DE CLOWN BRANCO

Elaine Aparecida Teleken Tavares¹
Marcelo Adriano Colavitto²

A presente pesquisa pretende-se fazer uma relação entre o conceito de Inconsciente de Freud, oriundo da Psicanálise e o ritual de escolha do figurino clownesco segundo Burnier a partir do estado de clown branco. Procura-se evidenciar que o vestuário pode revelar o conceito de narcisismo do inconsciente, e neste sentido a pesquisa enfoca nas reações e no comportamento do *clown* branco.

Palavras-chave: Clown. Inconsciente. Figurino.

Área temática: Cultura.

Coordenador (a) do projeto: Marcelo Adriano Colavitto<macolavitto@gmail.com>, Departamento de Música (DMU) da Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Introdução

Segundo Burnier (2001), o *clown* é a exposição das fraquezas de cada um. Dando-se a partir de um confronto do ator que se dispõe a encontrar seu estado de *clown* consigo mesmo. O processo de criação de um *clown* é extremamente doloroso e conflituoso, pois o ator coloca em cena a parte mais escondida e obscura de si.

Nesta investigação pretende-se apontar os fatores que se encontravam no inconsciente deste indivíduo, em que, por meio do picadeiro podem ser trazidos a consciência do mesmo através do ritual de iniciação ao *clown*.

Com o nariz a posto, depois do ator ter encontrado seu estado e ter investigado como caminhar, as paradas, viradas e etc, inicia-se o processo de criação do vestuário. Este processo é baseado em diversos conceitos de autores acadêmicos como Burnier e Jacques Lecoq, e mestres de cunho não acadêmico como: Giovanni Fusetti, Philippe Gauler, Leris Colombaioni, entre outros.

A linha de pesquisa a qual partimos, o figurino deve seguir a lógica de seu estado, em que deve ser para este a melhor roupa na qual este iria a um grande baile. Já as pesquisas de Slava Polunin ocorre uma padronização do vestuário do clownesco, propondo que cada *clown* se adeque em um papel dentro do espetáculo.

Segundo Burnier “Na verdade palhaço e *clown* são termos distintos para se designar a mesma coisa. Existem, sim, diferenças quanto às linhas de trabalho.” (2001, p.205) Roberto Ruiz relata que a origem da palavra *clown* difere-se de palhaço, sendo que a primeira é oriunda de “[...] clod, que se liga, etimologicamente, ao termo inglês “camponês” e ao seu meio rústico, a terra.” E a palavra palhaço segundo Ruiz:

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Artes Cênicas. Departamento de Música. Universidade Estadual de Maringá.

² Professor do curso de Artes Cênicas e orientador do projeto de extensão. Departamento de Música. Universidade Estadual de Maringá.



[...] vem do italiano paglia (palha), material usado no revestimento de colchões, porque a primitiva roupa desse cômico era feita do mesmo pano dos colchões um tecido grosso e listrado e afofada nas partes mais salientes do corpo, fazendo de quem a vestia um verdadeiro “colchão” ambulante, protegendo-o das constantes quedas. (1987, p.85)

O objetivo desta pesquisa é discutir os indícios de manifestação do inconsciente no estado de *clown* branco, observando e analisando o ritual de escolha do figurino clownesco a partir do ritual de iniciação. Para isso recorreremos o conceito de narcisismo da psicanálise, a partir do qual podemos relacionar a existência de algumas investigações que focalizam o vestuário como um modo expressão do inconsciente.

Freud em 1876 emprega pela primeira vez o termo psicanálise, numa abordagem terapêutica que objetivava dar a conhecer aos indivíduos os seus próprios conflitos emocionais inconscientes. Freud distinguiu três níveis de consciência; na sua inicial divisão topográfica da mente estão: consciente, pré – consciente e inconsciente.

A característica inicial da psicanálise é o determinismo psíquico, sua função é explicar que nada ocorre por acaso, ou seja, cada evento mental tem explicação consciente ou inconsciente.

O Consciente refere-se às experiências que o indivíduo percebe, ações intencionais, lembranças, à capacidade de ter percepção dos sentimentos e pensamentos. A consciência funciona de modo realista no qual percebemos a mesma como nossa e identificamo-nos com ela. “O ponto de partida desta investigação é um fato sem paralelo, que desafia toda explicação ou descrição – o fato da consciência. Não obstante, quando se fala de consciência, sabe-se imediatamente pela experiência das pessoas, o que se quer dizer com isso.”(FREUD, 1940/1996, p.30).

O Pré – Consciente Refere-se a parte do material que não está consciente num determinado momento da vida do indivíduo, porém pode ser facilmente trazida para a consciência deste.

O Inconsciente Definido por Freud, como aquele que se constitui de conteúdo, aos quais foi negado o acesso ao plano da consciência, por se tratarem sempre de algo penoso para o indivíduo. O ponto nuclear da abordagem psicanalítica de Freud é a convicção da existência do inconsciente como sendo constituído de lembranças traumáticas e repressões. Um reservatório de impulsos por serem socialmente ou eticamente inaceitáveis para o indivíduo.

“Aprendemos pela experiência que os processos mentais inconscientes são em si mesmos ‘intemporais’. Isto significa em primeiro lugar que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera, e que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada” (FREUD, 1920/1980, p.41-42).

Podemos relacionar o vestuário como uma forma de linguagem difundida pelo ser humano e que pode expor o que sentimos em nosso interior, portanto pode nos caracterizar.

Materiais e Métodos

Esta pesquisa é respaldada nas obras “A Arte do Ator” de Luís Otávio Burnier, “Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil” de Roberto Ruiz, no artigo “O riso em

três tempos” de Ricardo Puccetti na Revista do LUME, no artigo “Sobre o valor afetivo das roupas” de John Carl Flügel na revista Psychê, no livro “Plugados na Moda” obra organizada por Kathia Castilho e Nízia Villaça, na pesquisa “Teoria Psicanalítica das Neuroses: Fundamentos e Bases da Doutrina Psicanalítica” de Otto Fenichel e também nas obras “Uma nota sobre o inconsciente em psicanálise”, “Além do Princípio do Prazer”, “O Ego e o Id e outros Trabalhos”, “Esboço de Psicanálise”, “Sobre o narcisismo: uma introdução” de Sigmund Freud.

A pesquisa também parte de experiências vivenciadas semanalmente por meio do projeto de extensão “Grupo de pesquisa e experimentação cotidiana utilizando como paradigma a figura do clown” desenvolvido na Universidade Estadual de Maringá (UEM), orientado pelo professor Marcelo Adriano Colavitto.

Discussão de Resultados

O psicanalista Sigmund Freud ordenou em três componentes a vida psíquica do ser humano. São eles: o id, o ego e o superego que formam a personalidade. O id é a instância inteiramente inconsciente; o ego, área consciente; e o superego possui aspectos inconscientes e aspectos conscientes. Pode-se dizer que representam à impulsividade, a racionalidade e a moralidade.

Os *clowns* são seres antigos do teatro e do circo, são caricaturas vivas do ser humano. Segundo Burnier:

O clown é a exposição do ridículo de cada um, logo, ele é um tipo pessoal e único. Assim uma pessoa pode ter tendências ao clown branco ou ao clown augusto, dependendo de sua personalidade. O clown, portanto, não representa, ele é - o que faz lembrar os bobos e bufões da Idade Média. Não se trata de um personagem, ou seja uma entidade externa a nós, mas da ampliação e dilatação dos aspectos ingênuos, puros e humanos, portanto ‘estúpidos’ do nosso próprio ser. (2001, p 209)

Puccetti (1998) relata que “O estado de *clown* é levar ao extremo a importância da relação, a relação consigo mesmo, o saber ouvir-se, e a relação com o fora”, o elemento externo, o parceiro, os objetos de cena, as pessoas do público”. Podemos relacionar os elementos externos que Puccetti se refere, ao figurino clownesco, pois a roupa para um *clown* é um complemento essencial é a sua própria pele como expõe Burnier. O figurino pode aparecer de várias formas, e um *clown* pode ter diversas roupas, visando que cada peça escolhida é referente ao seu estado de clownesco. O vestuário de um *clown* é um aspecto repleto de simbologia para aquele que a usa, pois este traje traz elementos da memória do ritual de iniciação, no qual é composto por vários aspectos do inconsciente do indivíduo que podem serem trazidos ao nível da consciência.

Historiadores e antropólogos dizem que as roupas têm três funções principais, que correspondem a decoração, a proteção e o pudor. Segundo o psicanalista John Carl Flügel em sua pesquisa “Sobre o valor afetivo das roupas” expõe:

Os psicólogos que abordam os problemas do vestuário (e até o momento existem poucos que se deram ao trabalho de se dedicar a estas questões) advertiram inicialmente que de suas três funções, duas – a decoração e o pudor – são de natureza puramente psicológica; e que a terceira – a proteção – mesmo parecendo à primeira vista um assunto de fisiologia, corresponde, ela também, a



12º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM
"A Arte, o Esporte e a Saúde na qualidade de vida"
De 04 a 06 de junho de 2014

necessidades não somente do corpo, mas também da alma. Notaram, em seguida, que há aí uma relação ambivalente entre as duas funções puramente psíquicas; o pudor e a decoração têm suas origens nos instintos opostos e nos conduzem a ações contrárias.

A roupa nos protege do exterior e ao mesmo tempo nos revela, o corpo se cobre ao mesmo tempo em que se descobre em si mesmo para mostrar o que pode estar em nosso inconsciente. O motivo da proteção nas primeiras fases do desenvolvimento da roupa no indivíduo, é algo pouco relevante, porém futuramente desempenha um papel considerável. Para Flügel (2008), os antropólogos “nos asseguram que a decoração é o primeiro móbil do vestir, que o pudor faz sua aparição somente em consequência dos hábitos adquiridos, em primeiro lugar, pelos motivos de embelezamento, e que ele é extremamente variável em suas manifestações”

Existem dois tipos clássicos de *clowns*: o branco e o augusto. Burnier “[...] O primeiro é a elegância, a graça, a harmonia, a inteligência, a lucidez, que se propõem de forma moralista, como as situações ideais, únicas, as divindades indiscutíveis.”

Sobre o *Clown* Augusto, o maltrapilho e atrapalhado Burnier relata “[...] é o bobo, o eterno perdedor, o ingênuo de boa-fé, o emocional.”

O Narcisismo é um conceito da psicanálise que Freud metaforizou o mito de narciso e definiu o conceito como o ato do indivíduo admirar exageradamente a sua própria imagem e assim existe uma paixão por si mesmo. O Conceito de narcisismo surgiu em 1914 com a publicação de Freud do texto “*Sobre o narcisismo: uma introdução*”, em um momento de grandes mudanças no meio psicanalítico, porém a ideia de narcisismo já havia sido citada em momentos anteriores em sua obra.

Freud apontou como narcisista uma fase do desenvolvimento da personalidade que corresponde aos primeiros anos de vida, quando a criança se relaciona com o mundo como se ela estivesse no centro de tudo. Para ela, não existe o outro, basta chorar e logo alguém vira ao seu encontro, o outro é visto como uma parte de si mesma. Como uma resposta da própria criança às suas manifestações de desejo.

O *clown* branco leva muito em conta a questão de seu embelezamento e o embelezamento de seus trajes, visto que geralmente nos remete aos trajes da classe aristocrática do qual este representa. Ruiz (1987) relata que no princípio o *clown* branco pintava o rosto de branco e usava roupas lantejouladas herdadas da commédia dell’arte e trazia um chapéu cônico.

Por vezes a elegância para o branco é indispensável referente ao conceito de narcisismo que este em variadas cenas pontua. No *Clown* branco o narcisismo pode ser visto por meio do figurino. Em muitos vestuários seu valor é aumentado pelo fato de que eles possuem para o inconsciente uma significação simbólica.

O narcisista necessita do olhar do outro transformado em lente de aumento para ampliar sua auto-imagem e isso é um dos aspectos que pode possuir um clown branco. O Narcisista exporta para os outros sua própria imagem, como se todos se sentissem mais aconchegantes ao revestir-se dela. De acordo com Fenichel:

As pessoas narcísicas podem na sentença narcísica. “Eu me amo” projetar o me para outra pessoa e, depois, identificar-se com esta pessoa de modo a desfrutar o sentimento de serem amadas por si mesmas. Para consegui-lo precisam que os objetos se comportem tal qual o desejo inconsciente de identificação deseja que se comportem. (2000, p. 474)



O *Clown* branco admira a si mesmo e seus objetos externos, suas roupas são símbolos de status, ele usa para dizer o que ele é. Sendo este mais autoritário e materialista, a personificação do que seria correto, inteligente e erudito. Seus adereços e seu figurino são quase intocáveis pelo augusto, visto tamanha veneração que tem por si próprio e por suas coisas. Regina Andrade (2006) no livro “Plugados na moda” comenta que entre o corpo e a imagem existem relações, e para Freud “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal” (Freud, 1923/2006, p. 41). Portanto o corpo representaria o eu e moda representa a construção sobre este corpo.

Conclusões

O clown branco assim como os narcisistas apreciam posições de superioridade e domínio, e dão importância excessiva ao exterior e a como se vestem a fim de captarem o máximo de olhares possíveis, além de insistirem em ser objeto de veneração pelo olhar alheio e por seu próprio olhar. As roupas assim como a indumentária do clown revela uma ponte entre o mundo externo e um mundo interno, pois nestes trajes encontramos nossas identificações que estão ali postas.

Referências

ANDRADE, Regina G. **Corpo-Imagem**. In: VILLAÇA, Nízia; CASTILHO, Kathia (Org.). **Plugados na Moda**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

BURNIER, Luís Otávio. O *clown* e a improvisação codificada In: **A Arte de Ator – da Técnica à Representação**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

FENICHEL, Otto. **Teoria Psicanalítica das Neuroses: Fundamentos e Bases da Doutrina Psicanalítica**. São Paulo: Atheneu: 2000.

FLÜGEL, John Carl. **Sobre o valor afetivo das roupas**. *Psychê*. vol. XII, núm.22, p. 13-26, 2008.

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o inconsciente em psicanálise (1912). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Imago, v. 12. Rio de Janeiro, 1996

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. (1914). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XIV.

_____. Além do Princípio do Prazer (1920). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. O Ego e o Id e outros Trabalhos (1923 – 1925). **Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Imago, v. 19. Rio de Janeiro: Imago. 2006.



_____. Esboço de Psicanálise (1940). **Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. XXIII. Rio de Janeiro, 1996.

PUCETTI, Ricardo. O Riso em Três Tempos In: **Revista do LUME**. Campinas UNICAMP, Lume Cocen, n. 1, agosto de 1998.

RUIZ, Roberto. **Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil**. INACEN, MINC, Rio de Janeiro, 1987.